

Reduzir a dependência da África do Sul

UNIDADE E FORÇA-NUCLEO NA NOVA BATALHA

-Presidente Samora Machel ao intervir na Cimeira de Lusaka

Após a inauguração solene dos trabalhos da Cimeira de Lusaka, com a intervenção inicial do Presidente Kenneth Kaunda da Zâmbia e o discurso do Presidente da Conferência, o Chefe de Estado do Botswana Seretse Khama, o dirigente Máximo da República Popular de Moçambique usou da palavra, na sessão que debateu as propostas das delegações ministeriais. Analisando o sentido da Cooperação e da unidade necessária para que os nove países possam ultrapassar a dependência relativamente à África do Sul, o Presidente Samora Machel pontuou várias outras questões.

Pela sua importância, passamos a transcrever esta intervenção do Presidente da R.P.M. na íntegra:

«Ao iniciarmos esta reunião queremos saudar Sua Excelência Sir Seretse Khama pela contribuição que deu aos países da Linha da Frente em reforçarem a sua luta estendendo-a ao campo da libertação económica. Sob a sua sábia direcção, estamos seguros que os nossos objectivos serão alcançados.

Queremos também manifestar o nosso apreço pela generosa hospitalidade que nos é dispensada pelo Povo e pelo Governo da Zâmbia. Tornou-se para nós uma tradição ter a Zâmbia como uma das nossas retaguardas seguras para a conquista da Independência política. Não nos surpreendemos, pois, que estejamos de novo reunidos em Lusaka para desencadear acções que irão acelerar o processo da nossa libertação económica.

Saudamos os Chefes de Estado e de Governo que aqui se reúnem hoje, porque a vossa presença testemunha a nossa identidade e a nossa comum determinação no combate pela libertação da nossa região e do nosso Continente do colonialismo, do racismo, da opressão, da dependência, e da exploração.

Saudamos o Povo irmão do Zimbabwe que, através da Luta Armada de Libertação Nacional conduzida pela Frente Patriótica, derrotou o regime ilegal e racista da Rodésia e obrigou a potência colonizadora a reconhecer o direito inalienável do Povo zimbabweano à Independência. Não obstante as manobras do imperia-

lismo para instalar os seus fantoches e agentes no Zimbabwe, o Povo zimbabweano soube tomar nas suas mãos o seu destino, soube escolher os seus legítimos representantes. Por isso, queremos saudar fraternalmente a presença no nosso seio do Presidente da ZANU-Frente Patriótica e Primeiro-Ministro do Zimbabwe, Robert Gabriel Mugabe. A vitória do Povo do Zimbabwe é também uma vitória dos países da Linha da Frente que, desde a primeira hora, fizeram sua, a luta dos irmãos zimbabweanos. Ela é uma vitória da Organização da Unidade Africana, e de todas as forças progressistas do mundo.

Os países da Linha da Frente, desde sempre consideraram que a nossa liberdade só seria inteiramente conseguida com a libertação dos povos ainda submetidos ao jugo do colonialismo, do racismo, da opressão, e da humilhação. Esse foi o factor fundamental da nossa Unidade. Esta Unidade consolidou-se através dos sacrifícios consentidos pelos nossos povos, pelas acções que empreendemos em conjunto e pelas medidas concretas que fomos capazes de levar a cabo em apoio à luta do Povo do Zimbabwe.

Senhor Presidente
Excelências

A nossa tarefa não está porém concluída.

A luta política e o apoio dos países da Linha da Frente deve continuar. A Namíbia ocupada, o regime racista e do «apartheid» continuam a existir.

Importa agora, que a experiência de Unidade e coesão vivida no seio dos países da Linha da Frente pela luta de libertação política dos povos seja também estendida a todos os países e governos de maioria da África Austral na luta pela libertação económica.

Trata-se agora da luta pela libertação económica dos nossos países em particular de reduzir a dependência em relação à África do Sul. Não devemos ter receio em dizer que queremos reduzir a dependência em relação à África do Sul. No entanto, clarificamos que não estamos a declarar guerra à África do Sul.

Essa luta requer Unidade entre os nossos países, Unidade que deve ser assente nos princípios do respeito pela soberania, não-ingêrência e procura de soluções mutuamente vantajosas.

Esta Unidade é fundamental para superarmos a situação económica que nos foi legada pelas potências colonizadoras que vieram, e continuam a ver em nós, os eternos produtores e exportadores de matérias-primas e de mão-de-obra barata. Esta Unidade é fundamental para conseguirmos impor relações económicas justas com os países desenvolvidos que nos impõem preços cada vez mais altos de equipamento e tecnologia que temos de importar.

Podemos mesmo dizer que a maior parte do esforço do nosso desenvolvimento é absorvida pela elevação de preços a nível mundial.

Desta forma se nos queremos libertar da miséria, da fome e da dependência crónica em que nos encontramos temos que reunir a nossa capacidade criadora, as nossas riquezas para fazer um combate decisivo contra o subdesenvolvimento e contra a dependência.

Esta Unidade tem de ser conquistada e cimentada no dia-a-dia e através de acções concretas. Para cimentarmos a nossa Unidade temos de saber qual é o nosso objectivo principal em cada momento.

No seio dos países da Linha da Frente, a Unidade teve como base fundamental o apoio ao Povo do Zimbabwe e da Namíbia na sua luta contra o regime ilegal de Smith e contra o regime da África do Sul. Queríamos e derrotámos o regime de Smith.

Agora o nosso objectivo principal é reduzir a dependência da África do Sul. É em torno deste objectivo que devemos consolidar e desenvolver a nossa unidade.

Nós temos experiência de cooperação com a Zâmbia e a Tanzânia. Constatámos que a nossa gente está alienada. Recusamos um produto só porque traz «Made in Zambia» ou Tanzania, mas compramos o mesmo produto se trazer a marca «Made in South Africa». É nossa obrigação libertar a mentalidade daqueles que vão executar as nossas decisões. Libertar a mentalidade dos tecnocratas que estão escravizados à África do Sul. Sem esta libertação de mentalidades, não podemos avançar.

Esta prática consequente vai permitir o alargamento constante das áreas de cooperação entre os nossos Estados. Isto porque, aumentar a cooperação entre os Estados da região significa reduzir a dependência da África do Sul e, consequentemente, do imperialismo. Por isso, os planos económicos têm de ser preparados e concebidos por nós. Ninguém melhor do que nós conhece as nossas prioridades e necessidades. Não podemos aceitar o hábito de planos feitos fora da região.

Os nossos povos querem paz, querem progresso material e cultural. Somos trabalhadores incansáveis mas queremos beneficiar dos resultados dos nossos esforços. Os nossos povos tem consciência que a cooperação é fundamental para a construção de um destino melhor para os nossos filhos.

Senhor Presidente
Excelências

A cooperação que pretendemos iniciar depende da nossa vontade política e do nosso engajamento na sua implementação. Queremos insistir neste ponto porque podemos fazer uma bela declaração mas falta a implementação. Para esse efeito, temos de nos libertar de ciúmes e tomar o avanço de qualquer país como sendo o nosso. Se a Zâmbia progride, significa que Tanzânia e Malawi estão a progredir também.

A cooperação significa o desenvolvimento de todos os países da região em benefício dos respectivos povos. Significa ainda um aproveitamento nacional das especificidades

de cada um dos países em particular, das riquezas naturais e da localização geográfica.

Durante a reunião em Maputo das antigas colónias portuguesas, constatámos que não há ajuda nem caridade e nós também não a queremos. O que existe são interesses. Por isso, não devemos falar em ajuda mas sim de cooperação. A Tanzania vai comemorar 20 anos de independência mas nunca recebeu ajuda. O mesmo se pode dizer da Zâmbia. Os interesses económicos é que movem os diferentes países. Vão a Angola porque pretendem petróleo, diamantes e café. No Zimbábwe, querem crómio e ouro. Na Suazilândia pretendem ferro e carvão.

As nossas riquezas naturais são os alvos e por isso são também nossos instrumentos para cooperação e não para ajuda. Por isso, não devemos esperar ajuda mas sim cooperação.

O incremento da cooperação e em particular a coordenação dos esforços de desenvolvimento não é uma tarefa simples nem fácil. Muitas tentativas foram feitas em diferentes regiões e em diferentes momentos.

A História da África é infelizmente rica em exemplos que não foram bem sucedidos.

Temos de tirar lições dessas iniciativas e aproveitar a nossa própria experiência. Por isso temos de ser humildes nos nossos objectivos imediatos e ambiciosos nos objectivos a longo prazo. Devemos ter consciência que não estamos em condições de criar de imediato uma comunidade económica para a região mas podemos desde já dar passos seguros em algumas áreas já identificadas: agricultura, indústria, comércio e energia.

O desenvolvimento da cooperação nessas áreas dependerá de um sistema adequado de transportes e comunicações porque sem ele essa cooperação tornar-se-á impraticável. Estamos certos que os empreendimentos que levarmos a cabo nos diversos domínios de actividade económica, desde que controlados por nós próprios, se traduzirão em benefícios directos para os nossos povos e consequentemente para a melhoria das nossas condições materiais e sociais.

Serão também esses benefícios directos que irão incrementar o nosso desenvolvimento e cooperação económica, tendo em vista a satisfação das necessidades elementares dos nossos povos.

Nesta fase inicial, torna-se pois fundamen-

tal que realizemos acções concretas, que ganhem a experiência para definirmos melhor as modalidades e áreas de cooperação. Não é pela criação de instituições que desenvolveremos a cooperação multilateral.

Alguns de nós têm experiência da ineficácia da criação de estruturas pesadas e dispendiosas que pouco ou nada contribuíram para que os objectivos principais fossem alcançados. As instituições devem surgir para responder a necessidades objectivas, não devendo ser concebidas como um fim em si.

Façamos nossa a experiência que já existe, construamos o edifício da nossa cooperação começando pelos alicerces e não pelo telhado. Aprendamos e valorizemos pois da experiência que já existe dos trabalhos dos países da Linha da Frente; não criámos nenhuma organização nem instituições pomposas, mas fomos eficientes e operativos.

Senhor Presidente
Excelências

A experiência dos países da Linha da Frente na luta pelo apoio à libertação dos povos oprimidos e explorados da África Austral ensinou-nos que a cada uma das nossas iniciativas e vitórias o imperialismo responde com novas manobras.

Depois desta reunião haverá muitas intrigas, haverá muitas manobras para nos dividir e enfraquecer, para assim continuarmos a depender deles. Por isso devemos uma vez mais estar vigilantes para fazer face às manobras divisionistas que o imperialismo tentará de novo desenvolver, reforçando a cada passo a nossa unidade, força-núcleo que nos permitirá poder vencer a nova batalha contra o subdesenvolvimento e dependência».

(De: "Notícias", Maputo, 1980-04-03)